



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ETTORE MIRANDA SCODELLER  
(MAT. 14/0137998)

**UM ESTUDO DAS VITÓRIAS E DERROTA DE ANÍBAL BARCA NA SEGUNDA  
GUERRA PÚNICA**

BRASÍLIA

2021

ETTORE MIRANDA SCODELLER

(MAT. 14/0137998)

**UM ESTUDO DAS VITÓRIAS E DERROTA DE ANÍBAL BARCA NA SEGUNDA  
GUERRA PÚNICA**

Artigo apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como  
requisito à obtenção do diploma de História.

**Orientador:** Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna.

BRASÍLIA

2021

## UM ESTUDO DAS VITÓRIAS E DERROTA DE ANÍBAL BARCA NA SEGUNDA GUERRA PÚNICA

Ettore Miranda Scodeller

### RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sobre a jornada de Aníbal Barca e investiga, diante do cenário de batalhas e estratégias militares que partem do cartaginês, de que forma pode-se aproximar sua história como comandante das influências de seu pai Amílcar Barca, que foi sua primeira fonte de conhecimento militar, bem como da sua relação indireta com a figura de Alexandre, o Grande, que supostamente lhe serviu como inspiração para o domínio cartaginês. O objetivo da pesquisa é analisar sua capacidade militar e as estratégias utilizadas na Segunda Guerra Púnica, tomando como referência historiadores que escreveram a respeito. A metodologia adotada foi o estudo das batalhas e uma análise detalhada do seu desempenho, somados a uma visão sobre as estratégias militares utilizadas por Aníbal.

**Palavras-chave:** Aníbal Barca; Amílcar Barca; Batalhas; Vitórias; Derrotas; Guerra Púnica.

### 1. INTRODUÇÃO

Cartago e Roma foram grandes potências na época que viviam em conflitos na região do mar Mediterrâneo. Tais conflitos foram divididos em três períodos conhecidos como Guerras Púnicas, em consonância com a forma como os romanos se dirigiam aos povos cartagineses, chamando-os de *poeni*, ou fenícios. O foco do conflito desses civilizações era o controle comercial sobre o mar Mediterrâneo por parte de Cartago, enquanto Roma buscava expandir os seus domínios políticos e militares sobre os povos da Península Itálica e, em seguida, por todo o litoral Mediterrâneo. Em meio aos conflitos, é possível encontrar uma parte da história dominada por Aníbal Barca, membro de uma das famílias mais influentes da cidade de Cartago.

A história de Aníbal começa em 247 a.C. na cidade portuária de Cartago, onde nasceu em uma família que possui generais entre seus antepassados. Baseado em uma história registrada por poucas fontes, encontrou-se a maior referência de Aníbal, que foi o seu pai, Amílcar, que fazia parte do exército de Cartago e vivia em batalha contra os romanos. Aníbal tinha Sósilo como tutor, que lhe ensinou os épicos de Homero e a lógica de Aristóteles, fazendo com que Aníbal possuísse grande conhecimento da vida e das façanhas militares do famoso pupilo de Aristóteles, Alexandre, o Grande. Tal conhecimento foi agregado às grandes batalhas vivenciadas por Amílcar, sendo a viagem à Espanha em 237 a.C. elemento importante para o fortalecimento do seu conhecimento tático, acompanhando o pai em acampamentos militares nos quais cresceu sua admiração por Amílcar. A primeira cidade sitiada por Aníbal foi Sagunto, ocasião em que sua primeira estratégia foi colocada em prática.

O artigo tem como objetivo geral apresentar as batalhas que foram organizadas e comandadas por Aníbal em sua guerra contra Roma, possuindo poucos aliados e usando de estratégias militares para conseguir vencer. Serão apresentados de maneira detalhada as batalhas seguintes à primeira guerra púnica, na qual Amílcar, seu pai, havia usado sua destreza e inteligência, a preparação necessária para que Aníbal pudesse vencer Roma. Inicia-se pela batalha do Trébia, na qual Aníbal descobriu como fragilizar o exército romano; segue-se, então, para a batalha de Trasimeno, onde é possível ver a maneira como Aníbal utilizava de todos os meios necessários para que sua estratégia tivesse sucesso; avança-se para a batalha de Canas, quando havia aparentemente a pretensão de invadir Roma,; encerra-se com a batalha de Zama, a última batalha de Aníbal na África, antes de seu exílio.

O artigo traz uma análise mais detalhada sobre as ações de Aníbal e o exército de Cartago, além de suas ambições e planos, com o intuito de entender quem era e como foi a história do general cartaginês que se tornou um grande inimigo de Roma. Serão apresentados, dentro do ponto de vista de seis autores diferentes, quais podem ter sido as pretensões de Aníbal, para compreender melhor o desempenho desse general no comando do exército de Cartago. Espera-se compreender os métodos utilizados por ele, o que pode produzir uma visão mais explícita das batalhas naquela parte da história antiga.

## **2. A SEGUNDA GUERRA PUNICA (218 - 201 A.C.)**

Aníbal Barca saiu da cidade de Nova Cartago para uma campanha que durou dezessete anos, a maior parte desse plano foi organizada pelo seu pai Amílcar Barca. O destino de Aníbal era chegar à cidade de Roma, impedido de ir pelo mar, a única alternativa seria atravessar os Alpes e os Pirineus. Aníbal chega ao norte da Península Itálica e começa a por em prática o seu plano.

Aníbal recrutou contingentes de soldados aliados para aumentar seu exército e contava com o apoio de gauleses, númidas, líbios, espanhóis, lusitanos e celtas. Roma era muito forte e não seria apropriado utilizar o cerco direto à cidade. Assim, Aníbal procurou sair dessa forma usual de guerrear naquele tempo. Para se adaptar as condições que lhe eram favoráveis, usa táticas para trazer os romanos em batalhas decisivas. Aníbal aposta na surpresa e na flexibilidade de seu exército, dois elementos vitais do seu pensamento tático.

### **2.1. Batalha do Trébia (218 a.C.)**

Roma, sabendo da chegada de Aníbal, chama de volta o seu exército que estava na Sicília. Os dois exércitos estavam com o contingente pequeno, devido à perda de soldados na última batalha de Ticino, onde eles se enfrentaram, e então tiveram que pedir mais reforço, mas de acordo com Políbio e outros historiadores, Aníbal, pela primeira vez, enfrentou uma força romana mais organizada.

Dias antes, Aníbal estudou o terreno a oeste do Trébia, onde desejava que a batalha fosse travada, tendo a planície mais ampla e plana, e o sul e o sudeste, que tinha um elevado nas suas bordas. Localizou um curso de água cruzando a planície e correndo entre as duas margens íngremes e cobertas com vegetação. Os romanos pareciam não acreditar que Aníbal fosse atacar em campo aberto.

Aníbal estudou detalhadamente a posição ideal para os seus soldados, que ficam ao lado oeste do rio Trébia e os romanos do outro lado. Alguns pontos estavam a favor do exército de Aníbal, pois era um plano aberto sem árvores altas, mas com muito arbusto, tendo o clima a seu favor, pois era época de inverno, e a comunicação entre seus soldados era muito boa, mas a visão estava um pouco obstruída por causa do rio. Assim, eles se prepararam para

o ataque dos romanos, ignorantes do fato de que ele tinha informantes infiltrados no exército romano.

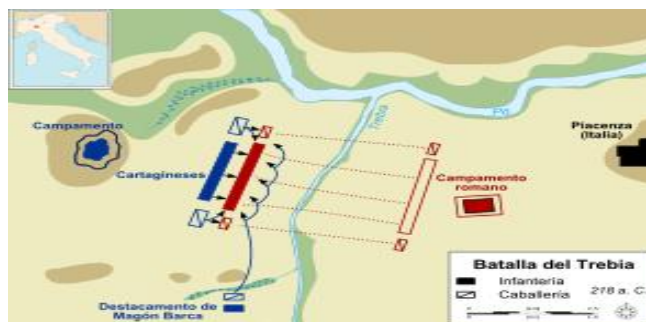
Aníbal enviou a sua cavalaria núpida através do rio Trébia, para provocar os romanos lançando dardos e para atrai-los para a batalha. Os romanos marcham quatro ou cinco milhas de seu acampamento, e em seguida estabelecem a ordem de batalha. Quando o fizeram, os homens estavam cansados, com frio, molhados da travessia do rio, e a maioria estava com fome. Em contrapartida, as tropas cartaginesas foram bem preparadas e alimentadas, e ambos os lados parecem ter tido cerca de 40.000 homens.

Os romanos ficaram muito fragilizados, mas não desistiram e seguiram em frente. A nova estratégia de Aníbal é posta em execução. Mago, com uma parte da infantaria, avança de um lado e os cavaleiros núpidas avançam pelo outro lado, fechando um círculo e encurralando a retaguarda da infantaria romana, que estava muito cansada. Os romanos que sobraram abandonaram o campo de batalha, indo para o norte e buscando proteger Semprônio.

Segundo Hunt,

Não se tinha uma vitória decisiva para ambos os lados, os romanos desmoralizados sentiam-se perdidos de vários jeitos: Primeiro os romanos esperavam vitórias e, em vez disso, viram no fim uma mudança de lado dessa vitória; segundo a cavalaria de Aníbal, provou ser mais eficiente que os cavaleiros romanos e legiões, em especial, a cavalaria leve Numida; terceiro foram os romanos, os primeiros a deixar o campo de batalha escapando a leste de Ticino; quarto, Aníbal capturou ao menos seiscentos romanos enquanto não tinha menção de prisioneiros púnicos de outras batalhas; quinto, Públio Cipião foi severamente ferido e não pode lutar mais por muito tempo; e, por fim, não menos importante, o fato dos romanos provarem ser vulneráveis mesmo sobre liderança experiente, falou do grande volume dos celtas de Padana. Aníbal depois dessa batalha recebe o apoio de alguns celtas indo até o fim da campanha na península itálica. (HUNT, 2017: 86).

A cavalaria romana era pesada, e o rio Trébia se transformou em uma arma. A infantaria romana sofreu ao chegar ao rio e muitos soldados morreram ao atravessar o rio, devido à água estar congelada e eles morrerem por afogamento e hipotermia. Os equipamentos eram pesados e a fome fez também que alguns soldados perecessem.



**Figura 1:** Estratégia utilizada na Batalha de Trébia. Fonte: [www.wikipedia.org/wiki](http://www.wikipedia.org/wiki)

Ainda segundo Hunt (2017: 96), “É estimado que quinze mil homens morrem em Trébia e outros mil homens foram capturados juntos com outros aliados celtas. Esse foi o maior triunfo do Aníbal contra Roma”. Tibério Semprônio omitiu sua derrota ao Senado, que no início acreditou, mas logo foi desmascarado.

## 2.2. Batalha do Lago Trasimeno (217 a.C.)

O Senado ficou chocado com a derrota e resolveu mudar completamente as suas táticas. Chegando a primavera, Aníbal muda com seu exército do Norte e vai em direção ao Sul, a caminho do lago Trasimeno. Ele decidiu cruzar as montanhas para a Etrúria, em parte, porque a área era fértil para sustentar o seu exército. Aníbal, nesse percurso, recrutava novos seguidores, como também invadia vilarejos e fazendas, com intuito de obter ajuda.

Aníbal percebe que o lugar é bom para fazer uma emboscada ao longo do pedaço de terra entre os desfiladeiros de Borgueto e Tuoro. Várias montanhas ao redor do lago formam um anfiteatro natural, com um desfiladeiro com a costa de um lado e uma linha de colunas do outro. Aníbal posicionou sua infantaria espanhola e líbia, visivelmente no cume a oeste de Tuoro, enquanto os atiradores Baleares e sua infantaria leve se esconderam em um terreno

alto de frente para o lago. A cavalaria e os gauleses estavam escondidos no chão, correndo até o desfiladeiro de Borgueto. Desta forma, toda a área cercada pelas colinas foi dominada pelos cartagineses, pois o inimigo acampou na costa do lago.

A estratégia da batalha anterior foi utilizada no lago Trasimeno, onde ele encontrou o lugar ideal para o conflito. Foi muito audacioso e pretendia que a natureza estivesse a seu favor para o plano dar certo. Também queria testar a bravura do Flaminio, que iria comandar o exército romano. Sabendo que o cônsul Flaminio o seguia, levou-o para o local escolhido.

Caio Flaminio chegou perto do desfiladeiro Borgueto no final da noite, já perto do alvorecer pediu para as suas legiões andarem para frente do desfiladeiro. O exército romano mobilizou mais de 100.000 guerreiros reconhecendo a ameaça.

Tanto Políbio como Lívio diz “Aníbal imediatamente incita uma ação precipitada devastando a região de Chianti, rica em agricultura, onde Flaminio e seu exército estavam estacionados. Logo, ele conseguiu atrair Flaminio e seu exército na passagem de Borgueto, na margem do lago Trasimeno, e uma emboscada foi armada. A névoa do início da manhã tornou a visibilidade ruim e os romanos não viram o perigo até que fosse tarde demais” (GOLDSWORTHY, 2007, p.181).

À noite, eles aproveitaram para assumir os seus postos; os romanos não perceberam nada, e o lago ficava perto da colina. A infantaria pesada se posicionou paralelamente à linha do lago, à vista dos romanos, a cavalaria núpida ficou escondida na colina ao oeste. Os romanos estavam organizados em quatro fileiras e essas fileiras ficavam de frente ao lago; os oficiais romanos aconselharam Flaminio a não atacar, e que esperasse. Porém, ele resolveu não atender ao que foi aconselhado e atacou.

A cavalaria núpida estava mais próxima dos flancos dos romanos pronta para dar a volta atrás da coluna do inimigo. Os atiradores de dardos e os atiradores Baleares estavam à esquerda dessas tropas, prontas para fechar a saída do desfiladeiro. Usaram a tática da pinça, forçando os romanos a ir em direção a colina e dificultando a saída, tornando com isso mais fácil o cerco.

O exército romano era lançado em confusão devido a pouca visibilidade, eles estavam em posição desfavorável, e passavam-se três horas de combate pesado. O caos seguiu e mais de 15.000 soldados romanos foram eliminados, incluindo o próprio Flaminio, que estava usando uma roupa inadequada para a luta, virou um alvo fácil e logo foi executado. Alguns



recuaram para as águas do lago congelado, onde se afogaram com suas armaduras pesadas e alguns soldados sobreviventes se renderam quando perceberam a desesperança da situação.



**Figura 2:** Estratégia utilizada na Batalha de Trasimeno. Fonte: [www.wikipedia.org/wiki](http://www.wikipedia.org/wiki)

Diz Políbio que Aníbal capturou 15.000 homens, reuniu uma grande quantidade de espólio e equipamentos militares, e distribuiu entre os seus soldados da infantaria. A perda de Aníbal foi de 1.500 a 2.500 homens, e em seu tratamento para distinguir prisioneiros romanos e italianos, continuou a política de mandar para casa os italianos enquanto os romanos definhavam em cativeiros.

Poucos comandantes foram capazes de repetir a façanha de Aníbal de emboscar e destruir, efetivamente, um exército inteiro, ditando todo o curso da campanha. Essas operações destacaram não apenas a superioridade do general Aníbal, mas a maior flexibilidade do seu exército. Mostra a sua disciplina em não atacar prematuramente os seus inimigos.

No final, o exército romano teve uma grande baixa, uns foram aprisionados e outros foram mortos. Aníbal saiu vitorioso e mais temido pelos romanos.

### 2.3. Batalha de Canas (216 a.C.)

Se quisermos entender a campanha de Canas e a batalha em si, devemos nos lembrar de que na época ninguém poderia ter adivinhado o seu resultado e que, mesmo durante a batalha, houve várias etapas quando as coisas poderiam ter se voltado contra Aníbal, a partir da ousadia das suas táticas.

Antes da batalha de Canas, Aníbal enfrentou algumas escaramuças, entre elas, as de Geronium que tiveram perdas pelos dois lados e a derrota dos cartagineses. Os romanos usaram a tática Fabiana, que servia para enfraquecer o adversário que estava confortável com as vitórias anteriores.

Diz Políbio, “Os romanos com determinação de derrotar Aníbal, formam um exército de 87.000 soldados, um número muito grande em relação aos cartagineses, que eram de 50.000 soldados” (MILLES, 2011, p. 273). A força desta mobilização foi prejudicada pela escolha de dois cônsules que não foram capazes de entregar para Roma um resultado satisfatório. Lúcio Emílio Paulo e Caio Varro tinham divergências entre eles. Paulo era favorável às velhas táticas Fabianas de cercar Aníbal em seus aposentos de inverno e, matando-o de fome, Varro estava determinado a derrotar o general cartaginês em campo aberto. Cada um comandava o exército em dias alternados.

Segundo Lívio, “As preliminares das batalhas são dominadas por uma sensação de desastre iminente, quando mais uma vez um comandante romano impulsivo conduziu imprudentemente o exercito para a derrota ignorando o conselho de seus mais experientes colegas” (GOLDSWORTHY, 2007, p. 198).

Roma decidiu que Aníbal deveria ser trazido para a batalha, quatro novas legiões foram mobilizadas e ordenadas a se juntar aos quatros que já acompanhavam o Aníbal na Apulia. Recrutou novos soldados e muitos deles inexperientes, mas havia veteranos para orientá-los. A infantaria romana estava com vantagem em relação à de Aníbal, pois o seu contingente era muito grande, Roma estava bem preparada e confiante na vitória.

Aníbal já se encontrava no campo de batalha e se preparando para o combate, posicionando-se na parte oeste do rio, onde o local era um campo bem aberto, mas havia muitas correntes de vento que seriam mais um fator a seu favor, seus homens se posicionavam de costa para o vento e a visibilidade afetava os romanos, caso acontecesse uma ventania no

decorrer da luta. Dias antes da batalha, teve mais um conflito em que a cavalaria e a infantaria leve de Aníbal foram contra os romanos. Os romanos se defenderam muito bem.

O exército romano acampou a cerca de 16 km de distância do exército cartaginês, em Canas. Aníbal foi para o norte, cruzando o rio Aufidus com seu exército e montou seu acampamento, oferecendo aos romanos uma batalha aberta. Paulo recusou o desafio de Aníbal para desgosto de Varro. No outro dia, Varro deixa o acampamento principal na margem norte do rio e cruza para o sul, onde se posicionou em formação de batalha com o rio a oeste.

O exército romano se moveu através do rio Aufidus para a margem leste, posicionando a cavalaria na ala direita, descansando no rio, com as legiões ao lado deles e a cavalaria dos aliados na ala esquerda, enquanto na frente de todo o exército estava a infantaria leve. Varro encurtou os espaços das legiões e reduziu as distâncias entre os manípulos dentro delas. “Começada a batalha, os romanos formaram uma única linha de batalha com seu flanco direito apoiado no rio com 2.400 soldados, e o flanco esquerdo apoiado pela própria colina de Canas era sustentado pela cavalaria aliada com 6.000 cavalos” (GOLDSWORTHY, 2007, p.204).

Segundo Hunt, “Varro comandaria a cavalaria aliada romana pela direita e algumas pessoas da infantaria; pela esquerda, Paulo comandava a outra cavalaria; o governador da província comandava a infantaria pesada no centro” (HUNT, 2017, p. 135). As táticas romanas eram mais de defesa.

Aníbal teve tempo de estudar a linha de batalha romana antes de fazer o movimento embora em grande desvantagem em termos de infantaria pesada, ele nota que a infantaria romana no centro estava bem agrupada e achava difícil de manobrar. “Depois de cruzar o rio com seu exército, estabelece uma formação altamente heterodoxa, mas taticamente brilhante. No centro ele coloca uma série de companhias de infantaria celtas e espanholas em uma linha, no final de cada linha ele colocou seus homens líbios de elite fortemente blindado deixando assim um centro deliberadamente enfraquecido, ao que ele estava pessoalmente comandando com seu irmão Magão. Nas alas da cavalaria cada lado foi respectivamente comandado pelo general Asdrúbal e seu sobrinho Hanno” (MILLES, 2011, p. 274).

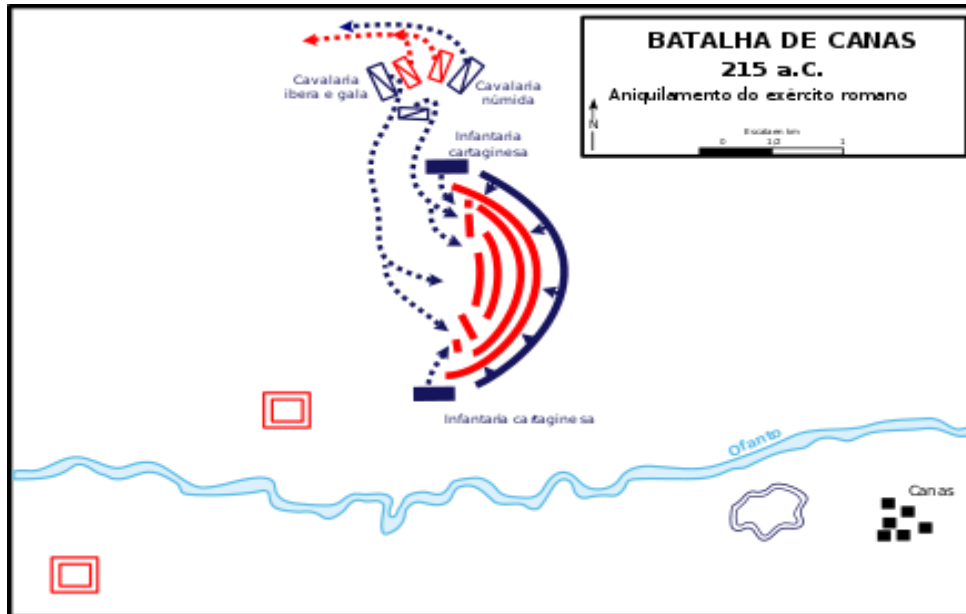
Segundo Hunt, “Aníbal pede aos Baleares e Javelin cobrirem a retaguarda. A cavalaria pesada dos espanhóis e alguns cavalos celtas estavam sob comando de Asdrúbal na esquerda;

na direita Maharbal comanda a cavalaria Numida. No centro Aníbal controla os soldados cartagineses de várias nacionalidades” (HUNT, 2017, p. 135).

A infantaria romana estava mal posicionada, tinha sol nos olhos como também o vento soprava levantando grandes nuvens de poeiras em seus rostos. Quando a batalha começou, eles previsivelmente repeliram rapidamente os soldados espanhóis e celtas e avançou para o vácuo no centro da formação cartaginesa. Aníbal adivinhou que o principal esforço romano seria feito no centro e ajustou o seu destacamento e deu ordens para atacar. “A protuberância da linha de Aníbal foi achatada, e ainda assim os romanos avançaram até que no centro ele levou o flerte inimigo para trás, de modo que agora a linha era côncava em vez de convexo” (GOLDSWORTHY, 2007, p.210). Ao fim da batalha, alguns romanos bateram em retirada e os que ficaram presos, foram eliminados aos poucos, a selvageria foi intensa.

Nigel, em seu livro *The Punic Wars 264 – 146 a.C.*, aponta que Políbio relatou que apenas cerca de 3.500 romanos conseguiram escapar, enquanto 10.000 foram feitos de prisioneiros e 70.000 mortos no campo de batalha. Paulo foi gravemente ferido e tentou reagrupar as suas tropas, mas seus esforços foram em vão, recusando-se a deixar o campo de batalha, o que resultou em sua morte. Varro fuge do campo de batalha; no fim a desorganização do exército romano era grande. Goldsworthy diz que “Aníbal perdeu 4.000 gauleses, e 1.500 espanhóis e líbios, 200 cavalaria e um total de 11,5% do seu exercito” (GOLDSWORTHY, 2007, p.213).

Canas foi o maior desastre militar de Roma e a mais sangrenta batalha, na qual Aníbal mostrou a sua genialidade em estratégias militares e transformou as desvantagens que tinha em vantagens. Para os comentadores modernos não foi o resultado de brilhantismo tático, mas de carnificina prolongada:



**Figura 3:** Estratégia utilizada na Batalha de Canas. Fonte: [www.wikipedia.org/wiki](http://www.wikipedia.org/wiki)

“Os prisioneiros romanos contam que, Aníbal não queria uma guerra para exterminar Roma, mas meramente restaurar a dignidade e a garantia da sobrevivência de Cartago em seu lugar no mediterrâneo. Ele queria a revisão das humilhantes perdas da Sicília e da Sardenha, e ressarcimento da indenização de guerra para Amílcar que foi pago da Espanha; um tratado de paz que retomava o status de Cartago antes do tratado de Lutatius” (HUNT, 2017, p. 141).

Diz Lívio que, “Em termos militares e estratégias propagandísticas, a campanha foi um sucesso brilhante. Na verdade a campanha militar foi extraordinariamente bem sucedida que é improvável que mesmo o conselheiro mais otimista teria previsto a velocidade e o sucesso cartaginês” (MILLES, 2011, p. 278).

Aníbal pretendia invadir Roma, mas ele via que, estrategicamente, não era viável. Ele encontrou vários aliados que estavam descontentes com Roma e que estariam dispostos a ajudá-lo, mas Aníbal demorou demais para agir. Um acordo entre Cartago e Roma nunca foi concretizado. Roma, mesmo perdendo muitas batalhas para Aníbal, não teve medo e nem se curvou. Roma resolveu fortalecer o seu exército e aprender as táticas utilizadas por Aníbal, já se preparando para a próxima batalha.

A preocupação do senado romano em não se curvar perante a um bárbaro em sua cidade acendeu um sinal de preocupação para as tropas de Roma: com essas derrotas e a pressão de Cipião, o senado romano começou a mudar suas estratégias de combate e a prevenção contra o seu inimigo. Uma das táticas foi deixar só um cônsul responsável em determinar quais os rumos devem seguir para almejar a vitória e o retorno de uma influência mundial. Roma, vendo que Cartago estava enfraquecida e não tinha mais o apoio dos númidas, pensou melhor e atendeu ao pedido de Cipião.

Com as próximas vitórias de Cipião aumentava o moral romano, que adotaram uma nova tática de guerra, usada por Aníbal, para seguir até o território rival. Tirando assim as tropas da península itálica, levando o conflito para a África, e lá a batalha foi importante para se concluir os longos vinte anos de revolta, conhecido por todo o mundo. Zama foi o local escolhido por Cipião para ser o campo desta batalha.

#### 2.4. Batalha de Zama (202 a.C.)

Cipião parte para a África, para planejar a sua mais nova estratégia, que era fazer ali o que Aníbal fez agressivamente na Itália por duas décadas. Devido às várias batalhas ocorridas durante dois anos em Cartago e as vitórias conquistadas por Cipião, o conselho de anciãos decide que Aníbal tinha que voltar para defender Cartago.

Cipião desembarca no Cabo Bon, a leste do Golfo de Túnis; a outra parte do exército chega ao Cabo Farina, a oeste. Os seus homens estavam receosos e com muito medo por estar em terras estranhas. Cipião, vendo essa reação dos seus soldados, resolve encorajá-los dizendo: “Parabenize-me, homens! Eu bati forte na África” (HUNT, 2017, p. 207).

Aníbal, chegando ao porto de Adrumetium, parte para Zama a 120 km de Cartago. O exército romano estava acampado em uma colina fora da cidade de Magaron. Era um local bem estratégico e tinha um bom abastecimento de água. O seu exército estava bem treinado e contou também com a ajuda do rei númida Masimissa. Sua campanha começou com brutais ataques a uma série de cidades situadas no populoso e fértil vale de Medjerda, arrasando-as e vendendo as suas populações como escravas. Esta tática logo deu frutos, posto que representantes do conselho cartaginês dos anciões imploram a Aníbal para atacar Cipião o mais cedo possível.

Os dois generais se encontram em Zama e dá-se início a última batalha de Aníbal na África. Políbio, em suas anotações, transcreve esses momentos: “Cipião usando palavras curtas, relembra os êxitos e dizia que era o momento certo para conquistar a vitória ou a morte, e isso terminaria o cerco romano”; “Aníbal lembrava aos seus homens que as vitórias na Itália não apagariam as suas derrotas na Espanha, sul da Itália e África, sugerindo que os romanos não se lembraram das derrotas e dos fatores de fraqueza.” (HUNT, 2017, p. 217).

A oeste de Zama, Aníbal avançou e acampou em outra colina a pouco menos de quatro milhas de distância do exército romano. Era uma posição boa, mas não tinha abastecimento de água para seu exército. Os dois exércitos se confrontam em Zama, cerca de cem milhas a Sudoeste de Cartago, embora os romanos tivessem uma superioridade na cavalaria. O exército de Aníbal era com cerca de 50.000 homens contra os 29.000 de Cipião. Os 6.000 da cavalaria numida treinada e fornecida por Masimissa, deram aos romanos uma importante vantagem:

“As implantações dos dois lados foram muito semelhantes e mostraram exatamente como os dois sistemas militares aprenderam com cada um durante os longos anos de guerra. Esta foi a primeira vez que Aníbal copiou a prática romana de manter a maioria de sua infantaria na reserva. Não tinha mais a superioridade da cavalaria. O sistema romano era de múltiplas linhas. Permitindo novas tropas de permanecer no combate na medida em que a batalha avançava e o inimigo se cansava” (GOLDSWORTHY, 2007, p.303).

Com pouca cavalaria própria e uma infantaria não testada, a estratégia de batalha refletia as opções limitadas, ao contrário da Itália onde ele, muitas vezes, foi capaz de usar sua vantagem para cercar o inimigo pelas asas, em Zama ele alinhou seus homens em três linhas, com restos do exército do seu irmão Magão, na linha de frente. Uma força de recrutamento da Líbia e cidadãos cartagineses na segunda linha, e a sua própria força de veteranos blindados pesados na reserva.

“Sua estratégia era simples: ele usaria a força bruta para abrir caminho através do centro do exército romano, elaborado de forma semelhante, formação de três linhas. Não foi um plano sofisticado, mas foi um plano realista. A falta de coerência dentro do exército cartaginês foi destacada a partir do início da batalha, pois Aníbal apenas exortou e encorajou seus próprios veteranos na terceira linha, e a responsabilidade de despertar os outros grupos

recai para os capitães fazendo a ruptura inicial na linha de frente romana” (MILLES, 2011, P. 310).

Aníbal contou com uma tropa de 80 elefantes, no entanto Cipião já havia preparado sua força para esse desafio específico, criando amplos corredores através das três fileiras concentradas de suas tropas. Quando a batalha começou, os elefantes se assustaram, causando muita confusão na sua própria linha de frente, a cavalaria númida Masimissa e a cavalaria romana aproveitaram a turbulência para ganhar das linhas cartaginesas e expulsá-los do campo de batalha.

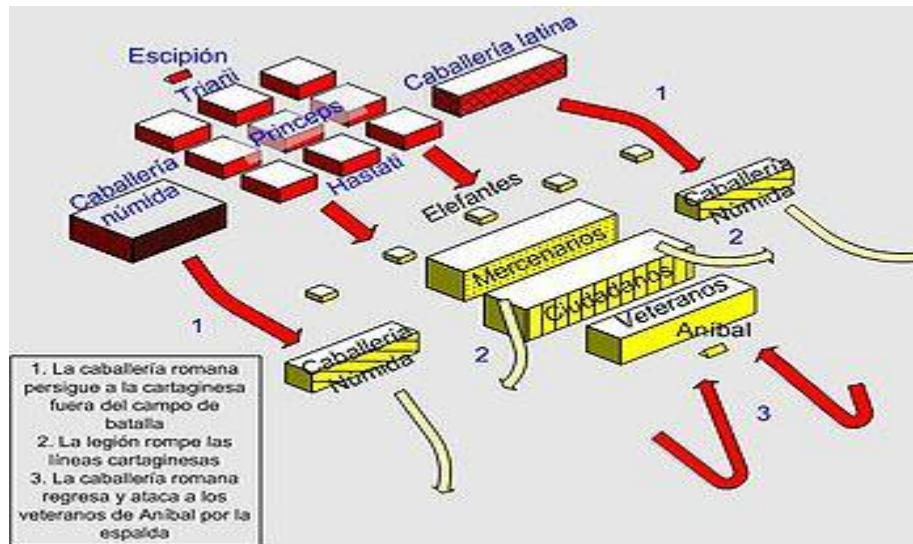
Entre as infantarias, a luta foi muito equilibrada com ambos os lados, mantendo-se firmes e infringindo a pesada perda ao outro, antes que a primeira e segunda linha cartaginesa fossem forçadas a recuar depois que Cipião teve que reorganizar suas tropas em uma única linha concentrada, a luta começou contra os 20.000 veteranos que foram mantidos na reserva por seu comandante. As duas forças provaram ser uniformemente combinadas até o retorno.

Segundo Goldsworthy, “o fracasso das duas linhas em cooperar corretamente é provavelmente outra indicação da falta de unidade dos diferentes elementos do exército de Aníbal” (GOLDSWORTHY, 2007, p. 306). As perdas cartaginesas foram 20.000 mortos e muitos capturados. Os romanos perderam 1.500 homens.

Fala Lazenby e Lívio “A cavalaria romana atacou a retaguarda das linhas cartaginesas, muitos soldados foram mortos, com cerca do mesmo número de capturados. Foi um golpe paralisante tanto para Aníbal, que havia conseguido escapar do campo de batalha, quanto para Cartago. Zama efetivamente trouxe a segunda grande guerra entre Roma e Cartago ao fim” (MILLES, 2011, p. 311).

Aníbal tentou inovar nas táticas, mas não obteve o resultado esperado. Cipião já conhecendo a estratégia militar utilizada por Aníbal, e que ele já tinha estudado, pôs em prática todos os seus planos, não tendo mais medo dos elefantes e da cavalaria númida. O exército romano estava mais disciplinado e usou estratégias como o “movimento de clava” na qual eles sempre foram muito bons. A batalha foi tão devastadora que durou um dia (19 de outubro de 202 a.C.). No final, Cipião se torna o grande vencedor, destruindo Aníbal. Roma fica feliz por ter a certeza de que ele não os enfrentaria mais.





**Figura 4:** Estratégia utilizada na Batalha de Zama. Fonte: [www.wikipedia.org/wiki](http://www.wikipedia.org/wiki)

Cartago é obrigado a reparar Roma, com multas mais pesadas que em 241 a.C. Ela continua um Estado soberano, mas sem a estrutura militar de antes e com sua frota naval bem reduzida. Cartago ficou limitada somente ao Norte da África, perdendo todos os seus territórios na Espanha e Itália. Também ficou proibida de declarar guerra contra qualquer nação, só sendo possível se Roma autorizasse.

Ao fim da guerra, o balanço de poder pendeu totalmente para o lado romano e isso deixa marcas para o mundo moderno. Roma domina toda região a Oeste do Mediterrâneo, Cartago fica totalmente subjugada aos favores de Roma perdendo todo seu destaque de grande potência no mar Mediterrâneo. Segundo Hoyos,

“A nova guerra é desnecessária como a anterior, nem Cartago e nem Roma precisava do conflito. Aníbal controlava boa parte da Espanha para continuar ocupado, sem falar da vasta área a oeste da África do Norte. Para os romanos existem evidências de que eles estavam interessados no comércio no leste do Mediterrâneo.” (HOYOS, 2010, p. 199).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde quando se tem conhecimento na história sobre guerras, batalhas e conflitos as estratégias e as táticas estão presentes. Esses dois agentes são ultimamente interligados e complementares. Afinal, é o resultado desta estratégia empregada que dará condições para as táticas serem bem executadas, atingindo, assim, seu objetivo. O exército cartaginês utilizou muito bem esses dois agentes nos seus planejamentos de batalha, formando soldados capacitados para enfrentar as adversidades.

Não podemos negar que o sucesso das táticas utilizadas na Segunda Guerra Púnica é considerado eficiente até os dias de hoje. Sendo assim, o estudo sobre estratégias e táticas militares são essenciais para o aperfeiçoamento desses fatores e para a compreensão do pensamento tático no mundo antigo. A abordagem nas várias formas de táticas no setor militar é tão discutida e analisada que os pesquisadores de um tempo para cá vem estudando as variações das táticas e analisando esse tema que está tão presente nas mais diversas áreas.

Neste trabalho, as estratégias e táticas aliadas aos fatores externos (como a natureza, local, as perspicácias, liderança dos comandantes) foram compreendidas no modo como ajudaram a conseguir o desempenho cartaginês na Segunda Guerra Púnica, mesmo que ao final tenham perdido o conflito.

Concluo que não é o tamanho ou poderio do exército que vai garantir a vitória, mas sim o bom planejamento para se elaborar estratégias bem definidas para poder executar as táticas adequadas. Ademais, destaca-se que o pensamento tático muda como um todo na sociedade e na história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNAIL, Nigel. *The Punic Wars 264 – 146 BC*. Londres. Osprey, 2003.
- GOLDSWORTHY, Adrian. *The Fall of Carthage: The Punic Wars 265 – 146 BC*. Londres. Cassell, 2007.
- HUNT, Patrick N. *Hannibal*. Simon & Schuster, primeira edição de julho de 2017.
- HOYOS, Dexter. *The Carthaginians Vol I*: Routledge, 2010.
- HOYOS, Dexter. *A companion to the Punic Wars*. First edition. Wiley, 2011.
- MILES, Richard. *Carthage Must Be Destroyed: The Rise and Fall of an Ancient Civilization*. Nova Iorque. Viking, 2011.
- WALBANK, Frank.W. *A Historical Commentary on Polybius: Commentary on Books I – VI. Vol I*. Oxford, Clarendon Press, 1957.